A Aspa

Vivia um homem com a sua mulher. E a mulher era preguiçosa. Não lhe apetecia fazer nada, e chegaram a um ponto em que o homem nem sequer tinha camisa. O homem disse:
— Mulher, por que não fias?
— Não tenho aspa; vai à floresta, derruba uma árvore, faz-me uma aspa, e eu começo a fiar!
O homem pegou no machado e foi para a floresta. E ela disse-lhe onde e que árvore derrubar, mas ela própria correu por outro caminho, encontrou um oco vazio perto daquela árvore e sentou-se lá dentro.
O homem chega, começa a derrubar a árvore, e ela, do oco, diz:
— Homem, não faças a aspa: a mulher vai morrer!
O homem teve pena que a mulher fosse morrer, e não fez a aspa. Mas ela conseguiu chegar a casa antes dele e deitou-se no fogão. Ele chega.
— Homem, por que não fizeste a aspa?
— Pois é, foi assim e assim!
— Pois é isso!
Só que passado algum tempo o homem voltou a ir fazer a aspa. E ela correu novamente até à árvore por outro caminho e gritou o mesmo. Assim, também desta vez não fez a aspa.
E na terceira vez, igual. Mas na quarta ele pegou e derrubou a árvore.
— Que seja, — diz, — que a mulher morra, mas faço a aspa!
Fez a aspa, traz para casa, mas a mulher chegou a casa antes dele e deitou-se no fogão. O homem diz:
— Aqui tens, mulher, a aspa!
— Pois, como é que eu vou fiar? Pois assim que me sentar, morro!
Então ela pega no linho — e senta-se a fiar; fiou um fio, outro, e ao começar a fiar o terceiro — começou-lhe a mão a cair, e depois ela própria desabou; caiu e começou a chiar — começou a morrer. O homem percebeu que ela estava a fingir:
— Mulher, não morras! Eu ressuscito-te!
Mas ela não lhe responde nada — o fôlego começava a faltar-lhe.
— Mulher, não me digas que estás a morrer?
Então o homem pegou no chicote — e ela saltou logo e correu. Onde é que a preguiça foi parar!
E passaram a viver bem.